

N. 7 JAN 2018

Retratos
A REVISTA DO IBGE

todas as formas de amor

ODS 12: CONSUMO E
PRODUÇÃO CONSCIENTES

HÁ ESPAÇO PARA PLANTAR
E COLHER NA CIDADE?

FOTORREPORTAGEM MOSTRA
RECENSEADORES EM CAMPO



A notícia de quem produz a informação



O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística tem a sua própria agência de notícias. Digite agenciadenoticias.ibge.gov.br e acesse um mundo de informações em diferentes formatos: releases e vídeo-releases; notícias; infográficos; banco de imagens; vídeo-reportagens; pequenos documentários e reportagens. A Agência IBGE Notícias também produz mensalmente a revista Retratos e gera conteúdo jornalístico nos perfis do IBGE nas redes sociais. Muitas mídias, diversos formatos e um só objetivo: informação para a cidadania.

agenciadenoticias.ibge.gov.br



www.ibge.gov.br 0800-721-8181



MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO



A FOTO DA CAPA DESTA EDIÇÃO

SIMBOLIZA OS 19,5 MIL CASAMENTOS

entre pessoas do mesmo gênero realizados entre 2013 e 2016 no Brasil. São cerca de cinco mil por ano, o que representa 0,5% do total de uniões oficializadas em cartório no período. Esse direito foi concedido em 2011 pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2013. Para falar dessa importante conquista social, a *Retratos* reuniu histórias de pessoas que passaram pela feliz experiência de poder dizer “sim” e celebrar uma união garantida por lei.

Ainda no contexto de uma sociedade que busca mudar sua visão de mundo, a gestão e o uso eficientes dos recursos naturais são exemplos de medidas que podem ajudar a

assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis, transformando a relação com o meio ambiente – conforme mostra mais uma entrevista da série sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

No Censo Agro, além de aplicar questionários os recenseadores registram momentos do trabalho de campo. Alguns foram destacados em uma fotorreportagem especial.

O retrato do rural também mostra que mesmo em regiões metropolitanas se pratica a agricultura para garantir o rendimento familiar. Por fim, vamos conferir que cada vez mais os mapeamentos auxiliam no conhecimento de nossas riquezas naturais.

Equipe da redação

expediente

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Avenida Franklin Roosevelt, 166 sala 900 A - Centro - Rio de Janeiro - RJ 20021-120



Presidente

Roberto Olinto Ramos

Diretor-Executivo

Fernando J. Abrantes

Diretoria de Pesquisas

Cláudio Crespo

Diretoria de Geociências

Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática

José Sant' Anna Bevilacqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Maysa Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Coordenação de Comunicação Social

Diana Paula de Souza

Editor

Marcelo Benedicto

Editores assistentes

Marília Loschi

Editores de arte

Simone Mello

Projeto gráfico

Helga Szpiz

Simone Mello

Reportagem

Eduardo Peret

Irene Gomes

Marcelo Benedicto

Mônica Marli

Pedro Renaux

Rita Martins

Rodrigo Paradella

Editoração eletrônica

Helga Szpiz

Licia Rubinstein

Pedro Vidal

Simone Mello

Foto de capa

LoveShake

Fotografia

Alana Lima

Camille Perissé

Claudia Crescente

Elenice Cano

Helena Tallmann

Isabella Diniz

João Bosco

José Zasso

Kais Ismail

Larissa Grizoli

Leandro Santos

LoveShake

Paulo Carlóto

Paulo Garcez

Rita Martins

Silvia Silva

Thiago Britto

Thiago Mohallen

Ilustração

Licia Rubinstein

Pedro Vidal

Tratamento de imagens

Licia Rubinstein

Pedro Vidal

Logística de distribuição

Helena Pontes

Colaboradores

Irene Gomes

Marcelo Benedicto

Maria Luisa Pimenta Therence

Paoliello de Sarti

Revisão de textos

Marília Loschi

Impressão

COAN Indústria Gráfica Ltda.

Tiragem

20.000 exemplares

Retratos a Revista do IBGE

é uma publicação mensal do Instituto para distribuição interna e externa. A publicação não é comercializada. Todos os direitos são reservados.

Caso queira reproduzir as matérias e as imagens desta edição, entre em contato através do nosso e-mail.

Críticas e sugestões:

revistaretratos@ibge.gov.br

5 #ibge/publicações

26 o ibge de Paulo Caruso



6 consumo e produção conscientes

ODS 12 busca o desenvolvimento econômico e social sustentável



8 censo agro em campo

Cenas do dia-a-dia da coleta de dados em vários pontos do país



14 camadas de informação

Brasil completa mapeamento de recursos naturais



16 mais perto da cidade

Produção rural sobrevive no espaço das metrópoles



20 casamento homoafetivo

Histórias de pessoas que conquistaram um direito

#ibge

agenciadenoticias.ibge.gov.br

@ibgecomunica f/ibgeoficial @ibgeoficial /ibgeoficial

274 mil >>>
total de seguidores

+2.820
novas curtidas no mês

22.173
pessoas envolvidas

331.635
usuários alcançados

Notícia mais lida na
Agência IBGE Notícias

IBGE divulga nova edição do mapa
político das regiões brasileiras

2.119 goo.gl/
jFz4jU
acessos

Destaque nas redes



Twitter Dia do homem



Facebook Mapa político das regiões



Instagram #IBGEemCampo



YouTube Teaser Censo Agro em Campo

referência: novembro

publicações

Visite nossa loja virtual: <http://loja.ibge.gov.br/>



Brasil em números 2017

Mostra uma síntese da realidade brasileira a partir de pesquisas realizadas pelo IBGE, Banco Central do Brasil, Agências Reguladoras e Ministérios Federais. Os capítulos apresentam informações sobre o país e comparações entre os estados. Enriquecida com artigos de professores, técnicos e pesquisadores, a obra é ilustrada com obras do Museu de História do Pantanal, localizado no município de Corumbá, no estado do Mato Grosso do Sul.



Atlas Nacional do Brasil Milton Santos

Reúne informações geográficas, cartográficas e estatísticas que contribuem para a compreensão da dinâmica espacial do Brasil, realçando as alterações ocorridas na última década. Os textos são elaborados por especialistas que analisam as múltiplas diversidades do país sob perspectivas variadas e temas como território e meio ambiente, sociedade e economia, diversidade cultural.



consumo e produção conscientes

texto
Irene Gomes
arte e design
Licia Rubinstein

Gestão e uso eficientes dos recursos naturais, redução do desperdício de alimentos, manejo responsável e redução da geração de resíduos químicos e sólidos, diminuição da emissão de poluentes, educação para o consumo sustentável, práticas sustentáveis em empresas e agenda ambiental na administração pública. Estas são algumas das metas para se reduzir a pegada ecológica sobre o meio ambiente e promover o desenvolvimento econômico e social sustentável. José Sena explica esse amplo objetivo que envolve o setor produtivo, o cidadão e o governo, e fala sobre os desafios enfrentados para abordar o tema.

Revista Retratos Como o ODS 12 avalia a sustentabilidade na cadeia produtiva?
José Sena O ODS 12 avalia como a sociedade está caminhando para atingir a sustentabilidade nos padrões de produção e consumo, no sentido das atividades econômicas. É um objetivo bastante amplo, que envolve várias áreas: tratados internacionais, licitações sustentáveis, desperdício de alimentos, perdas nas colheitas, gerenciamento de resíduos sólidos...

OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 12: ASSEGURAR PADRÕES DE PRODUÇÃO E DE CONSUMO SUSTENTÁVEIS

Retratos Qual o papel do IBGE nesse ODS?

José O papel do IBGE, como órgão oficial de estatística, é mensurar estatisticamente como está esse caminho e como o Brasil está em relação ao mundo.

Retratos O que o IBGE já tem para isso?

José A maioria dos indicadores propostos estão classificados como “Tier 3” (indicadores para os quais ainda não se tem uma metodologia firmada e a base de dados precisa ser construída). Cabe ao IBGE ver, junto com os organismos estatísticos internacionais, o que existe de novo e trazer para o Brasil. Ver quais instituições produzem esses dados e como estatisticamente podemos trabalhar com eles.

Retratos Como se dá o apoio de outras instituições?

José Esse apoio é fundamental. No caso de padrões de produção e consumo, algumas pesquisas econômicas do IBGE ajudam, mas muitas informações são provenientes de outras instituições. IBGE precisa harmonizar, ver de que forma que essas informações podem ser estatisticamente mensuradas, qual o padrão estatístico, a norma interna-

cional, e implementar junto às outras instituições.

Retratos Que indicadores estão sendo discutidos com outras instituições, por exemplo?

José Um assunto que temos trabalhado muito é desperdício de alimentos, por exemplo. Isso ainda faz parte do “Tier 3”, mas estamos desenvolvendo. Temos reuniões com instituições brasileiras produtoras de alimentos, como a Embrapa, o Ministério do Desenvolvimento e também a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), e estamos estudando essa ampla base de informações para organizá-las estatisticamente.

Retratos PIB verde e as contas ambientais também estão relacionados ao ODS 12?

José Sim. Na meta 12.2, quando se fala: “atingir o uso eficiente dos recursos naturais”, temos alguns indicadores propostos sobre pegada material; muitos ainda estão em construção. As contas econômicas ambientais vão oferecer subsídios significativos para esses indicadores propostos de consumo material. Até que ponto a nossa produção econômica total demanda recursos naturais: isso vai ser

uma resposta sobre que padrão o Brasil está acompanhando.

Retratos Dentre as prioridades estabelecidas pelo ODS 12, estão a implementação da agenda ambiental na administração pública e compras públicas sustentáveis. O que significa isso?

José O setor Governo, em todos os países do mundo, é muito importante como motor e alavanca na economia. Se o governo começa a ter padrões de consumo sustentáveis, no sentido de promover licitações sustentáveis, adquirir produtos ambientalmente mais responsáveis, ele dá o exemplo para a sociedade e para outras áreas da economia, e a partir daí incentiva a produção desses produtos.

Retratos Quais são os principais desafios para esse ODS?

José Organizar a informação. Temos uma base de informação ampla, só que está dispersa e sem a temporalidade necessária.

Retratos E esse desafio é sentido apenas pelo Brasil ou outros países também esbarraram nessa dificuldade?

José É um desafio que existe em escala global. O desafio de uniformização de dados dispersos é enfrentado por todos os países que estão nessa missão. ■



Acervo pessoal

José Antonio Sena do Nascimento, doutor em Planejamento Energético e Ambiental pela COPPE/UFRJ, é o pesquisador do IBGE responsável pela articulação do ODS 12.

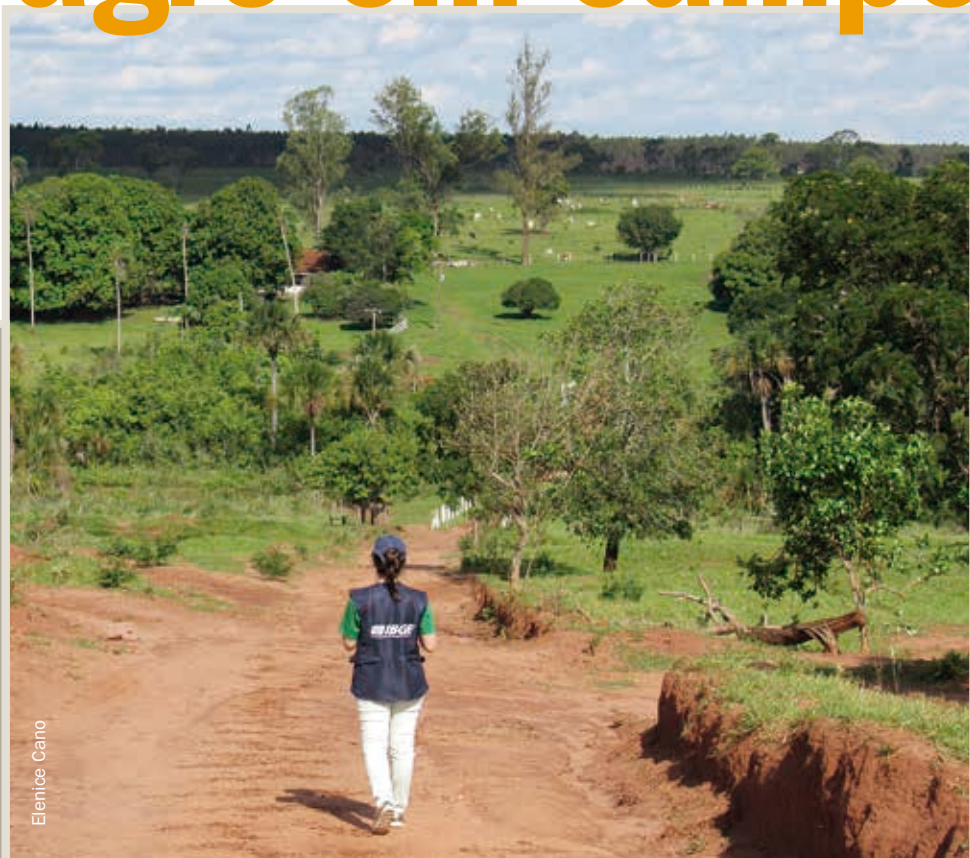
censo agro em campo

texto Pedro Renaux

design Simone Mello

fotos Alana Lima, Camille Perissé, Claudia Crescente, Elenice Cano, Helena Tallmann, João Bosco, José Zasso, Larissa Grizoli, Leandro Santos, Paulo Carlôto, Rita Martins e Silvia Silva

Ainda que haja uma complexa estrutura operacional para a realização do Censo Agro, é o contato simples e direto entre os recenseadores e os proprietários dos estabelecimentos que permite retratar o espaço rural brasileiro. Com esta fotorreportagem, *Retratos* homenageia os envolvidos diretamente no processo de coleta de informações e apresenta a diversidade de situações que ocorrem antes, durante e após o preenchimento do questionário.



Elenice Cano

Durante a coleta, a agente censitária supervisora, Aline Puorro, contemplou as pastagens da zona rural de Campo Grande. A recenseadora, Ely dos Anjos, ficou com o carro atolado por quatro horas, no município de Ribas do Rio Pardo. O resgate foi feito por um motorista de caminhão que passava pelo local.



João Bosco

Mato Grosso do Sul





José Zasso

As fronteiras do Brasil são o limite para o Censo Agro. No município de Sant'Ana do Livramento, divisa com o Uruguai, o recenseador Marcírio Leite coletou as informações da agricultora Vera Gomes.

Nos pampas gaúchos, o contraste entre a bucólica criação de gado e de ovelhas e o moderno Complexo Eólico do Cerro Chato.

A agente censitária supervisora, Safya Antunes, aguarda o agricultor Jean Lins terminar de preparar a terra, no bairro do Curado, em Recife. A região abriga uma grande área agrícola em zona urbana.

Pernambuco



José Zasso



Alana Lima

Rio Grande do Sul



Larissa Grizoli

Cada entrevista para o Censo Agro dura, em média, 45 minutos. A recenseadora Daniella Rocha aproveitou esse tempo sob a sombra de uma das árvores do sítio da Dona Terezinha Villar, em Pinhais. Junto com a família, a agricultora produz uma série de hortaliças para consumo próprio e para venda, como alface, cenoura, beterraba e agrião.

Paraná

A rotina dos recenseadores costuma despertar o interesse da imprensa. Uma equipe de reportagem do Jornal Nacional, da TV Globo, acompanhou a coleta dos recenseadores em sítios que praticam a agricultura familiar, no bairro de Campo Grande.

Rio de Janeiro



Camille Perissé

O recenseador Sidney Lemos, um dos cerca de 19 mil contratados para o Censo Agro, foi quem visitou o primeiro estabelecimento no município de Santo Amaro, do proprietário Severino Vidal. Na Bahia, o estado com mais estabelecimentos agropecuários do país, estima-se que serão visitados mais de 760 mil propriedades.

Bahia

No rio Lago da Floresta, em Manaus, a supervisora, Lidiane Costa, e o recenseador, Eric Sampaio, precisaram sair da rabeta, barco utilizado em rios rasos, para superar os bancos de areia que costumam se formar em períodos mais secos.

Amazonas



Silvia Silva



Rita Martins

Os búfalos, característicos da Ilha de Marajó, são usados como meio de transporte pela polícia local para patrulhar a cidade de Soure. Enquanto acompanhava o Censo Agro, o agente de pesquisa e mapeamento, Miguel Haddad, aproveitou uma pausa no trabalho e fez como os turistas da ilha. Testemunhas garantiram que o difícil foi conseguir descer do animal.

Pará



O preenchimento do questionário do Censo Agro também pode ser feito com descontração, como demonstraram o recenseador Possidônio Neto e o proprietário Francimar Almeida, no município de Tauá.

A cena é comum em Tauá, que tem o maior rebanho de caprinos do Ceará, de acordo com a Pesquisa Pecuária Municipal. Os produtores locais afirmaram que as cabras são um bom investimento por serem os animais mais resistentes e adaptados ao clima seco do sertão nordestino.

Ceará





Helena Tallmann

No município de Presidente Dutra, a agente censitária supervisora, Vivian Souza (à esq.), e a recenseadora, Jaymara Araújo (à dir.), precisaram improvisar no trajeto para mais uma entrevista

Maranhão

Os assentamentos também são contemplados no Censo Agro. Maria Isabel Pimenta, do Assentamento 2 de Julho, reside em uma granja no distrito de Vianópolis, em Betim.

Apesar de os homens serem maioria entre os proprietários rurais, ela contou, durante a visita do recenseador Jean Araújo, cuidar sozinha de sua terra.

Minas Gerais



Leandro Santos

camadas de informação

texto Rodrigo Paradella

design Pedro Vidal

fotos Pixabay

As riquezas naturais do país são consideradas um dos maiores orgulhos do brasileiro. Apesar disto, há muito que se conhecer e sistematizar sobre o assunto – o que dificulta a criação de políticas de exploração sustentável e de proteção desses recursos. Os mapeamentos produzidos pelo IBGE fazem parte do esforço de se conhecer melhor o território e seus recursos naturais, e é nesse sentido que a instituição acaba de lançar um conjunto de mapas com informações de Vegetação, Geomorfologia (relevo), Pedologia (solos) e Geologia (rochas).

Segundo Luciana Temponi, engenheira florestal, e Sidney Gonzalez, geólogo, ambos da Coordenação de Recursos Naturais do IBGE, o conhecimento extraído dos mapas pode ajudar a fundamentar ações de prevenção de

Vegetação

Flora que protege os solos contra erosão e mantém o microclima.

Relevo

Formações da superfície terrestre, como serras, planícies e chapadas.

Solo

Recurso natural não renovável composto por matéria orgânica e minerais.

Horizonte O: formado por folhas, frutos e outras matérias orgânicas, contendo material mineral em menor quantidade.

Horizonte A: composto por matéria orgânica decomposta e minerais.

Horizonte B: formado por concentração de materiais minerais e acúmulo de argila.

Horizonte C: composto por rocha fragmentada e materiais minerais.

Rocha

Elemento natural formado por minerais que compõem a camada externa sólida da Terra

Vegetação

Relevo

Horizonte O

Horizonte A

Horizonte B

colaboração Marcelo Benedicto, Maria Luisa Pimenta e Therence Paoliello de Sarti

g

desastres naturais, auxiliar no estudo dos impactos da remoção da vegetação de uma determinada área e possibilitar a identificação dos solos e relevos adequados à construção, por exemplo. Os mapas de recursos naturais cobrem 100% do território brasileiro e foram elaborados na escala 1:250.000, na qual cada 1 cm do mapa corresponde a 2,5 km do espaço real – o que vai permitir maior detalhamento das informações sobre as rochas, o relevo, os solos e a vegetação.

QUASE MEIO SÉCULO DE TRABALHO

As raízes desse mapeamento datam dos anos 1970, quando o governo decidiu realizar um exaustivo levantamento dos recursos naturais da Amazônia, o Radambrasil

(Radar da Amazônia). Formado por equipes multidisciplinares de geógrafos, geólogos, engenheiros florestais, dentre outros profissionais, o levantamento foi expandido para o restante do território nacional em julho de 1975. Em 1985, esse trabalho acabou absorvido pelo IBGE: “Estamos finalizando o nosso mapeamento, mas toda a base inicial vem desse levantamento do Radam. Ele nos deu isso sobre a Amazônia, mas em papel, e agora estará disponível no formato digital”, explica Luciana.

MAPEAMENTO CONTÍNUO

As dificuldades de abarcar um país de dimensões continentais (mais de 8,5 milhões de km²) e com uma diversidade natural tão grande foram sentidas de perto pela equipe do projeto. As informações preliminares

foram obtidas por imagens de satélites, radares e fotos aéreas; no caso dos solos e da vegetação, foi preciso coletar amostras para descobrir qual tipo há em cada local.

“Existem áreas inacessíveis. Não tem estrada para todos os lugares. Em alguns locais da Amazônia, [a equipe do] Radam foi de helicóptero. É muito custo. Algumas áreas da Amazônia não foram acessadas até hoje porque exigem uma logística muito complexa”, explica Sidney Gonzalez.

Apesar de a etapa do mapeamento coordenada pelo IBGE ter durado quase duas décadas e ter envolvido mais de 80 pessoas, o trabalho está longe de ser encerrado. “O mapeamento acabou? Não, ele precisa ser sempre aprimorado. Ainda existem áreas que precisamos visitar”, conclui Luciana. ■

Detalhamento maior do território

O próximo passo do projeto é a integração do mapeamento em um banco de dados, ainda no primeiro semestre 2018. A partir dele, os usuários poderão realizar cruzamentos de dados, que vão contribuir para identificar riscos de assoreamento de rios, alterações na velocidade com que a água penetra no solo após a chuva e o aumento nas chances de uma mudança climática, por exemplo.



Horizonte C

Rocha

mais perto da cidade





Mesmo grandes regiões metropolitanas, como a de Salvador, na Bahia, possuem espaços onde se pratica a agricultura, atividade tradicionalmente associada às áreas rurais

texto Marcelo Benedicto e Rita Martins

fotos Rita Martins

design Helga Szpiz

Entre casas e prédios, a horta que já teve o dobro do tamanho vai se espremendo e perdendo lugar para as novas construções na localidade de Saramandaia, no bairro de Pernambués, em Salvador. “A gente antigamente plantava tomate e alface, hoje só tem hortelã e manjericão”, lembra o autônomo José dos Reis, que cuida da horta há 20 anos. “Na época que comecei foi bom, mas agora está mais fraco. O pessoal está construindo casa”, avalia.

Os cerca de 100 molhos colhidos por dia no terreno de quatro hectares são vendidos em três feiras na cidade e garantem o sustento de José e de sua família. “Eu tenho muito orgulho dessa horta porque criei meus filhos com isso aqui”, conta, acrescentando que nenhum dos três filhos quis seguir os passos do pai na

agricultura. “Eles não querem dar continuidade, e minha previsão é fazer outras coisas. Nada é pra sempre, né?”, reflete.

A poucos metros dali, Cecílio Carvalho prepara a terra para plantar alface, tarefa que desempenha há cinco anos. “Aqui a gente produz couve, alface, cebolinha e vende no próprio bairro”. Cecílio conta que aprendeu o ofício com os pais, na cidade de Araci, no interior da Bahia, onde plantavam milho e feijão. “Eu gosto [desse trabalho]. Eu me criei e criei meu filho [trabalhando na roça]”, reconhece, mas se queixa sobre a falta de políticas públicas para o setor. “Não é fácil trabalhar na agricultura, e falta consciência dos políticos. Eu queria ver se eles conseguiriam criar um filho com a agricultura”, desafia.

Em cidades como Salvador, com 2,7 milhões de pessoas e mais de 3.859 habitantes por km², José dos Reis ainda consegue encontrar espaço para plantar e colher.



Duas cidades, a mesma história:

Cecílio (à esq.) trabalha sua roça em Salvador, mas sua experiência vem do interior da Bahia, onde aprendeu com os pais. Amarildo (centro) e Antônio (à dir.) também perpetuam o ofício aprendido os pais e o levaram para a populosa cidade de Lauro de Freitas. Os três conseguiram criar pequenas roças no meio de grandes cidades, mas sofrem com o espaço cada vez mais reduzido.

As hortas de José e Cecílio são exemplos de atividades agrícolas desenvolvidas em áreas urbanas, que incrementam os rendimentos de muitas famílias e ajudam a arejar as cidades, em cujo cenário predomina a dureza do concreto e do asfalto.

Assim, cada vez mais essas áreas verdes ganham visibilidade mundial, inclusive o incentivo de organismos como a Organização das Nações Unidas (ONU), por serem fonte de alimento e contribuírem para a melhoria do meio ambiente.

AGROPECUÁRIA NA REGIÃO METROPOLITANA

E não é só agricultura que se encontra na cidade grande.

“Não é fácil trabalhar na agricultura, e falta consciência dos políticos. Eu queria ver se eles conseguiriam criar um filho com a agricultura”

Cecílio Carvalho

Em Recanto do Sossego, a 30 km de Salvador, vive Miguel Souza, conhecido como “seu Mãozinha”, que na mão esquerda tem apenas o dedo polegar. “[Perdi os dedos] no motor de sisal em Iraquara, em [19]72”, conta o agricultor, que cria bois, vacas, cavalos, bodes, porcos e gansos. Todos os dias ele leva o rebanho para pastar em localidades diferentes. “Faz um ano que crio gado. É a única coisa [que me possibilita] ganhar o pão”, conta Mãozi-

nha, que está nessa região da capital há 35 anos.

Em Lauro de Freitas, cidade vizinha à capital baiana e terceira mais populosa do estado, a região conhecida como Quingoma de Fora abriga mais propriedades agrícolas, como a de Uendel Menezes: “Aqui nós cultivamos aipim, batata-doce, horticultura e criamos bode, cabra, ovelha, galinha, cavalo”, conta, explicando que teve a área da propriedade reduzida devido à construção de uma rodovia que



desapropriou diversas terras na região. “Nós perdemos até um poço”, lamenta.

Logo ao lado, o sítio Recanto das Aroeiras talvez seja o estabelecimento com o maior número de culturas na região. Nos 27 km², onde há até uma nascente, são cultivados aipim, batata-doce, manga, banana, jaca, abacaxi, mamão, graviola, jiló, maracujá, pimenta e diversas hortaliças. “Estou aqui desde 2009, mas aprendi a agricultura com meus pais, quando era criança, em Riachão do Jacuípe [a cerca de 186 km de Salvador]”, conta o agricultor Antônio Borges, que também cria porcos, patos, galinhas, carneiros, cavalos, bois e tilápias.

AÇÃO MUNDIAL EM PROL DA CIDADANIA

Para pessoas como esses produtores, a ideia de ocupar áreas das cidades com atividades agrícolas surgiu da necessidade de ganhar o pão de cada dia, consumindo e comercializando o fruto do cultivo em áreas de terra livre do bairro onde vivem.

No segundo semestre de 2017, a ONU organizou a mostra Jardins de Alimentos para dar visibilidade e incentivar a criação de políticas de apoio a iniciativas de agricultura urbana de pequena escala em países da América Latina. O primeiro jardim foi oficialmente inaugurado na sede da ONU em Nova York no dia internacional de Nelson Man-

dela (18 de julho de 2015) em homenagem ao compromisso do líder com a jardinagem.

O evento foi planejado no contexto da Nova Agenda Urbana, adotada na conferência Habitat III e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) especificamente para apoiar as metas dos ODS 2 (Fome Zero), 3 (Boa Saúde e Bem-estar), 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) e 15 (Vida Sobre a Terra).

Ainda em 2017, outra ação foi o curso à distância sobre agricultura urbana promovido pelo Núcleo de Capacitação em Políticas Públicas da ONU. Abordando a produção de alimentos nas cidades como ferramenta de combate à fome em nível municipal.

Quem faz parte do Censo Agro

As realidades da agropecuária na “cidade grande” poderão ser melhor compreendidas a partir dos resultados do Censo Agro a serem divulgados ao longo de 2018. A coleta de dados está sendo realizada em todos os estabelecimentos agropecuários rurais e urbanos situados no território nacional. São assim compreendidos aqueles estabelecimentos que se dedicam a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas, com objetivo de venda ou subsistência, independentemente do tamanho da propriedade.





Rebecca & Fernanda



ÂNGELO & RICARDO

LoveShake



casamento homoafetivo

UMA CELEBRAÇÃO DE AMOR, VISIBILIDADE E CIDADANIA

texto Eduardo Peret **design** Simone Mello

fotos Acervos pessoais, Isabella Diniz, Kais Ismail, LoveShake, Thiago Britto e Thiago Mohallen

Esta de casamento com família, amigos e padrinhos, bolo com bonecos vestidos a caráter, viagem de lua-de-mel – sonhos de muitas pessoas que, até pouco tempo, uma parcela da população não conseguia realizar. As pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) não tinham acesso ao direito civil básico de contrair matrimônio e desfrutar de uma série de outros direitos, que são naturalizados pelas famílias tradicionais: herança, divisão de patrimônio, adoção conjunta de crianças e mais uma lista que chega à casa das centenas.

“Nós nos conhecemos em 2012 e fomos morar juntas pouco tempo depois”, conta LÍlian, de Minas Gerais. “Ana me pediu em casamento várias vezes: na varanda de nossa casa, no Parque Lage (Rio de Janeiro), durante uma viagem ao Canadá... Mas o pedido oficial veio no almoço com minha família, quando ela pediu minha mão aos meus pais. Foi lindo! Meu pai tem 82 anos, imagine isso!”, completa, emocionada.

Foi em 2011 que o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que a união estável entre pessoas do mesmo gênero deveria ter o mesmo status jurídico da

união entre homem e mulher. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) regulamentou a norma, equiparando a união estável ao casamento civil e determinando que todos os cartórios do país registrassem o casamento homoafetivo. Foi um marco histórico para milhares de pessoas que tinham sua cidadania negada.

Segundo a pesquisa Estatísticas do Registro Civil, do IBGE, entre 2013 e 2016, 19,5 mil casais registraram o “sim” em cartório, aproximadamente cinco mil por ano. Os casamentos homoafetivos representam cerca de 0,5% do total anual de

Rebecca e Fernanda

Nosso casal da capa se conheceu no Rio de Janeiro, mas o romance só surgiu dois anos depois, pelo Facebook. Elas já moravam juntas quando Rebecca pediu Fernanda em casamento, numa viagem à Ilha Grande.



“Um casamento é um contrato de amor e respeito, uma construção em conjunto”

Ana Carolina e Lílian

“Casarmos em frente aos nossos amigos e familiares nos deu a certeza do apoio e da aceitação”

Rebecca e Fernanda

“A representatividade social dada pelo casamento é muito importante para diminuir o preconceito”

Gunter e Luiz Carlos

uniões do país e apresentam algumas características distintas.

Por exemplo, a idade média dos cônjuges de mesmo gênero é mais alta do que a nos casamentos entre homens e mulheres: enquanto casais heterossexuais se casam, em média, quando o homem tem 30 anos e a mulher, 27, os casais tanto de homens quanto de mulheres têm, em média, 34 a 37 anos. Isso pode indicar uma tendência de casais mais velhos, que já estavam juntos há muitos anos, de oficializar a união.

CASAMENTO NO ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO

Gunter e Luiz Carlos moram no estado de São Paulo. Os dois têm mais de 50 anos de idade, se conheceram em 1984 no trabalho e foram morar juntos no ano seguinte, mas enfrentaram alguns entraves. Em 1993,

os dois queriam comprar um apartamento maior, mas as imobiliárias e os bancos não aceitavam que eles juntassem os comprovantes de rendimento para financiar o imóvel. Então, eles tiveram que comprar dois apartamentos menores, contíguos, e transformar em um só. “Por anos, queríamos firmar um contrato de parceria, que era o que se podia fazer para se tentar garantir alguns direitos previdenciários, mas era muito burocrático e caro”, explica Gunter. “Em 2015, finalmente nos casamos no papel, celebrando 30 anos de casamento de fato”, conclui.

UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA E VISIBILIDADE

Ângelo e Ricardo se conheceram em 2004, moram juntos na Bahia desde 2007 e assinaram o contrato de união estável assim que o STF permitiu. “Foi importante para dar uma segurança maior, mas foi sem graça. Foi uma conquista, mas não foi aquela coisa maravilhosa”, afirma Ângelo. Para ele, a situação já parecia suficiente para garantir direitos, mas Ricardo ainda se sentia incomodado: “Mesmo assumidos e estando juntos há tanto tempo, a família não levava a sério, nos via como dois amigos, um caso, essas coisas”, explica. Ângelo complementa: “Nunca tinha olhado o casamento pelo lado material, mas vimos situações que me chocaram muito, de parentes homofóbicos tomando bens, até carro e casa, quando um dos

cônjuges morria, sem qualquer amparo ao viúvo. Nossas famílias não fariam isso, mas não sabemos o dia de amanhã”.

Além da segurança material, existe o aspecto simbólico, social. “Muita gente não acredita que dois homens possam se casar, pensam que são amigos que vivem juntos e que pode haver de tudo, desde que seja ‘entre quatro paredes’. Eu odeio essa expressão”, diz Ângelo, complementando: “Quando as pessoas dizem isso, estão dizendo duas coisas: primeiro, faça escondido, como se fosse algo de errado; segundo, que nosso relacionamento se reduz a sexo. Eu odeio essa ideia. Quando nos casamos, foi com festa, registro, foto, vídeo, Instagram, Facebook, YouTube, tudo. Quem não gostar, que se resolva com o seu problema”.

HISTÓRIAS DE AMOR EM MOVIMENTO

Luciana e Suzi têm uma história que atravessa fronteiras. A gaúcha e a paulista se conheceram num encontro nacional de estudantes em Minas Gerais, em 1990, e começaram a morar juntas em Porto Alegre no ano seguinte. “Usamos alianças desde 1997, mas nunca tínhamos pensado em casar no papel, já que não era possível”, diz Luciana. As duas têm mais de 40 anos de idade, são professoras universitárias e têm dois filhos adotivos. Elas oficializaram o casamento, que já contava 22 anos, assim que saiu a decisão oficial, em 2013.



Acervo pessoal

Luiz Carlos e Gunter



Thiago Mohallen

ÂNGELO & RICARDO



Thiago Brito

Ana e Lilian

“Vimos situações chocantes, de parentes homofóbicos tomando bens quando um dos cônjuges morria, sem qualquer amparo ao viúvo”

Ângelo e Ricardo



Acervo pessoal

FABIANO E THIAGO

“O casamento civil dá uma
segurança enorme em
aspectos legais”

Thiago e Fabiano

“Sempre nos sentimos
casadas. Fizemos questão
de contar a todo mundo, dar
visibilidade ao nosso amor”

Luciana e Suzi



Kais Ismail

Suzi e Luciana

Enquanto alguns casais mais antigos se conheceram no ambiente de trabalho ou na faculdade, outros mediam seu relacionamento pela tecnologia. Thiago e Fabiano se conheceram há 12 anos pela internet, no Orkut, e se “stalkearam” mutuamente na rede social por meses antes de começarem a conversar. Marcaram de se encontrar e, já no segundo encontro, rolou a primeira briga. “Conversamos mais uma semana pela internet antes de sair de novo”, explica Thiago, “então eu falei que não entendia essa coisa de ficar e que, quando se apresentava a pessoa aos pais, se estava namorando. Então perguntei e ele disse que sim, estávamos namorando. Estamos juntos até hoje.” Depois de três anos, eles resolveram morar juntos. Entre muitas idas e vindas, mudanças de cidade e estado, os dois conseguiram realizar seu sonho. “A ideia de casar era consequência de morar juntos, mas havia a mudança e burocracia com documentos, então só casamos na volta da viagem de lua-de-mel”.

“Nosso casamento é um ato político e pedagógico”

Handherson e André Luiz

CASAMENTO MARCADO

Gustavo e Tom estão juntos desde 2012 e estão marcando seu casamento para junho de 2018, quando completam seis anos de namoro. “Temos 26 anos de diferença de idade”, explica Gustavo, “e, felizmente, temos facilidade de encontrar um ponto de equilíbrio na nossa convivência. Sempre conversamos sobre fazer uma cerimônia durante o dia, numa praia. Desejamos oficializar nossa união e viver de forma plena sabendo que nosso amor irá resistir e será afirmado e reafirmado em uma sociedade que ainda é preconceituosa e não tem a capacidade de respeitar a diversidade e suas formas de amor”, conclui.

Handherson e André Luiz também estão juntos há quase seis anos, na Bahia. “A ideia da união estável surgiu quando passei em um concurso público e vi que ele poderia usufruir de algumas benesses junto comigo”, diz Handherson. Os dois veem sua união como um ato político e pedagógico: “Em tempos de tanto retrocesso e discriminação, mostrar nossa existência como família é motivo de orgulho. Estamos nos preparativos do casamento e já visamos à adoção de uma criança. Seremos pais”, completa, animado. 🇳🇵



Isabella Diniz

Tom e Gustavo



Acervo J&S Oral

Handherson e André Luiz



O IBGE de Paulo Caruso

O cartum ao lado foi feito pelo cartunista brasileiro Paulo Caruso durante o programa Roda Viva, da TV Cultura. “Minha inspiração para os cartoons do Roda Viva são os próprios assuntos e personagens. Com as ideias, as imagens e as palavras, vou fazendo o desenho.

E com esse também foi mais ou menos assim. Muito da minha imaginação surgiu na hora, mas muita coisa também veio do que eu já conhecia do instituto.

Tanto na minha casa, quanto na casa da minha mãe, os pesquisadores do IBGE já foram várias vezes para pegar dados. Por mais distante que a gente esteja, o IBGE sempre chega na gente!

Nosso país é muito desigual do ponto de vista político geográfico, social e econômico, mas o IBGE é o órgão capaz de amalgamar todas essas nuances e diferenças para dar um retrato para a gente de que país é esse”.

texto Paulo Caruso

edição Mônica Marli

foto Paulo Garcez

DAQUI
DA' PRA VER
TUDO!



SUA,
ME NODA MÍ O BUA
abre-se de

[Handwritten signature]

22 Junho 2010



A arte de retratar o Brasil



Espelho Meu, 2008 - Sílvia Almeida, Corumbá - MS

Brasil em números

volume 25
2017

Brazil in figures



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181



MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

